

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 23 DE JULHO DE 1887
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 134

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO OUVIDOR N. 45, SOBRADO

REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

GERENTE

G. CABRAL

SUMMARIO

Expediente.....	
Os nossos artistas IV—Bento Barbosa.....	F. COIMBRA. FILINDAL.
Historie dos sete dias.....	
Plebiscito litterario.....	Y. MAGALHÃES.
Notas criticas.....	J. M. SILVA.
Visão, poesia.....	R. POMPEIA.
Conto de fadas.....	O. BILAC.
Na gruta, soneto.....	A. A. L. VIEIRA.
Paléstras femininas.....	Y. MAGALHÃES.
Soneto de um suicida.....	A.
Notas bibliographicas.....	DR. DODSTOL.
Chronica acientifica.....	A.
Jornaes e Revistas.....	P. TALMA.
Theatros.....	
Abyssmo illuminado, so- neto.....	H. DE MAGALHÃES
Festas, bailes e concertos	LORGNON.
Factos e Noticias.....	
Correio.....	ENRICO.
Recebemos.....	
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CÔRTE

Trimestre.....	28000
Semestre.....	48000
Anno.....	88000

PROVINCIAS

Semestre.....	58000
Anno.....	108000

Aos nossos assignantes em debito rogamos a fineza de mandar saldar as suas assignaturas e aos que estão quites obsequio de as reformar pelo semestre que ora começa.

Desde 4 do corrente mez a redacção, gerencia e officinas d'A Semana acham-se installadas na rua do Ouvidor n. 45, sobrado.

Partio no dia 12 do corrente a percorrer as provincias do Rio de Janeiro, e Minas Geraes em serviço d'A Semana, o seu gerente, Sr. Guilherme Cabral. O nosso estimado companheiro tem todos os poderes para representar-nos; por isso rogamos aos nossos amigos e assignantes da provincia queiram entender-se com elle a respeito de todos os negocios relativos a esta folha.

Foi exonerado do cargo de agente d'esta folha, em viagem pela provincia do Rio de Janeiro, o Sr. Joaquim Rodrigues Pinto filho, actualmente em Campos.

OS NOSSOS ARTISTAS

IV

BENTO BARBOSA



Isto não é uma biographia nem outra couaa que se pareça com isso; é apenas um ligeiro artigo, suscitado por um convite amavel, a que não me seria licito resistir, e destinado a acompanhar a caricatura que A Semana publica hoje na sua fulgurante galeria de artistas d'esse modesto e talentoso rapaz a quem me prendem os vinculos poderosissimos de uma solidã amizade e de uma profunda admiração.

É com o maior prazer que cumpro esta agradável tarefa, tanto mais agradável quanto se me offerece abertamente o raro ensejo de elogiar sem restricções o artista que ha muito tempo fez jus a uma consagração triumphal. Por honra sua, deve ficar bem consignado que elle já não é uma das mais legitimãs esperanças da nova geração artistica brasileira. Esta chapinha eoz, que a malicia revoltante dos jornalistas descobriu para penhorar, chaco-teando, tantos meninos que encaiam os primeiros passos na carreira das artes ou das lettras, não cabe a quem, como elle, tem revelado em si, por mil maneiras diversas, o inicio de uma brilhante realidade.

Chamar-lhe esperança seria de algum modo confundil-o com a multidão anonyma de infantes prodigiosos que possuímos na litteratura e nas artes. É uma população de microbios que vivem como esperanças desde os quinze annos de idade e neste caracter só se apoenam com a morte. Na rua ou no theatro encontramos frequentemente algum d'esses esperançosos honorários, que succede ás vezes a ser um pobre homem, de barbas brancas, menos dotado de inspiração que de rheumatismo, e, se nos occorre perguntar a alguém que especie de animal é aquelle, obtemos invariavelmente esta resposta formal:

— Como! Não o conhece? É o Ti-hurcio Viégas, um artista muito distincto; uma das noesas mais legitimãs esperanças!

— Mas que faz elle? inquirimos nós, ansiosos por saber qual é o ramo da sua actividade intellectual.

— É empregado na Alfandega!

— Ah!

E, por fim de contas, o pobre homem de que se trata, ou é algum pintor de loja de calçado ou nascen para architecto de chafariz.

Conheço o Bento Barbosa desde a sua estrêa na Revista Theatral, ha dons annos, se me não falha a memoria. O nosso artista appareceu illustrando a primeira pagina d'aquelle hebdomalario. Uma vez por semana, fazia elle o retrato de algum dos nossos actores mais conhecidos, e, seja dito de passagem, por amor da verdade, que esses retratos não se pareciam absoluta-

mento nada com os respectivos originaes. Lembro-me até que, de uma occasião, o desenhista animado dos melhores intentos, quiz copiar as feições respeitáveis do actor Areias, e por um milagre divino conseguiu fazer uma reprodução fidelissima... das da Sra. Felicidade.

A sua estrêa não foi, portanto, o que se possa chamar uma revelação. Esta guardou-a elle, ainda por alguns mezes, apparecendo-nos, no fim d'esse tempo um artista de notaveis aptidões, destinado a preencher uma gloriosa carreira. No *Gryphus*, ephemera publicação de caricaturas, cujos leitores eu fôra incumbido de fazer adormecer sob a influencia da minha prosa fascinadora, fez o Barbosa algumas paginas magnificas, que dariam honra a qualquer desenhista de nomeada.

D'ahi por deante, tem elle progredido espantosamente, e o seu talento, que não attingiu ainda a maturidade, promete um desenvolvimento extraordinario. Não é indispensavel ser bom propheta para vaticinar um largo futuro a quem como elle pôde orgulhar-se com razão de tão lisonjeiro presente.

Bento Barbosa parte para a França dentro de alguns mezes: vai a Pariz, tomar um banho de civilisação e aperfeiçoar os dotes de que a natureza o exornou prodigamente. D'aliestou certo de que ha de voltar em triumpho, se tiver a má idéa de voltar ao Brazil, para morrer aqui, patrioticamente... á fôrça. E' provavel, porém, que o nosso artista prefira viver bem em Pariz, com os proventos da sua arte, a vegetar no torrão natal, que não lhe poderia dar, como pintor, os meios de subsistencia. Na terra estranha bem sei que elle sentirá profundas saudades da terra ingrata, onde deixa uma parte do seu coração e da sua alma. Mas que importa? É mil vezes preferivel succumbir ao peso da saudade a succumbir ao das dividas.

Mais algumas palavras e eu terminarei este singelo e desconchavado artigo.

Bento Barbosa nasceu na provincia do Rio Grande do Sul; tem vinte e um annos de idade, uma alma de artista e uma paixão platonica, tambem de artista, por essa encantadora metade do genero humano, que a galanteria masculina convencionou chamar expressivamente o bello sexo. E' doído pelas mulheres; ama-as e pinta-as com o mesmo ardor e o mesmo enthusiasmo. Os seus collegas deram-lhe um cognome honrosissimo: o *Clairin Nacional*. e nenhum outro poderia ser-lhe applicado com tanta propriedade.

O nosso artista foi um dos fundadores do *Grupo Vermelho*, composto de pintores e esculptores, cujo fim é realisar a exposição dos trabalhos dos socios, facilitando d'este modo a sua acquisição e encaminhar o gosto dos artistas brazileiros no sentido dos progressos da arte moderna.

Eis ahi succintamente e a traço desordenado o que se me offerece dizer sobre a personalidade d'este sympathico rapaz, que será verdadeiramente um grande artista quando, por sua parte, tiver podido mostrar o que podem fazer, reunidos, a mocidade e o talento.

FIGUEIREDO COIMBRA.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Pesa-me, — com sinceridade o confesso —, pesa-me enormemente na consciencia o haver causado o fallecimento de varias pessoas, que se finaram de horrivel desgosto por lhes não ter eu dado chronica durante duas semanas. Os povos que demoram entre a rua do Ouvidor e o Sacco do Alferes — os dois extremos da civilisação fluminense — necessitam da minha palavra igualmente que do ar que respiram e da farinha de pão que ingremem.

Mas que fazer, povos amados, quando as semanas são puramente artisticas e a nossa folha tem secções de arte que precisam ser desenvolvidas com amplitude?

O chronista é chamado a outros deveres mais urgentes e o povo fica sem chronica.

Tambem, pelo alfange de Othello! que diabo houve nos ultimos quinze dias digno da attenção de um chronista illustre? Exigir d'elle uma chronica em taes condições fôra o mesmo que exigir de um beduíno a narração das occurrencias do Sahara.

Por isso agora, que volto a sarrabiscar estas tiras para admiração dos coevos e dos posterios, inclino-me agradecido deante o Sr. Barão de Mamoré, por me haver elle fornecido para a *historia* o facto politico da sua retirada do ministerio.

Que direi, porém, d'essa retirada, sem música? A politica, mesmo quando pittoresca como a nossa, é para mim um abysmo a cuja borda me debruço a medo: cravo os olhos na sua profundidade insondavel e nada vejo mais que um ou outro sapo, escapando-se, aos pinchos, pelas anfractuosidades e arestas do cairel.

Mova-me embora o dever civico, mova-me o dever profissional, eu estou sempre alheio ás tricas das camaras, e ainda me não foi dado comprehender nenhum facto de ordem politica, mesmo quando nitidamente m'o referem todos os veadores da *Gazeta da Tarde*.

Sei vagamente, depois de haver sazonado no meu espirito o estudo profundo da questão, que o Sr. Mamoré sahio do ministerio por causa de acceder n' Senado ao contrario do que na camara aceitara sobre a verba para os exames de instrução publica; sei que o Sr. Paulino, senhor e pae do Macuco, se levantara da sua curul e, pegando delicadamente pela consciencia politica do Sr. Mamoré, o estendera no solo da patria ingrata que lhe hade possuir os ossos.

Se não foi precisamente isto o que se deu, desculpem-me o ministerio e as camaras e valha-me a illuminação d' imprensa politica.

Depois da sahida do Sr. Mamoré houve o escandalo de uma sessão n. camara e o caso patusco de declarar Sr. presidente do Conselho que a retirada de um ministro não importava crise ministerial.

Seja como fôr, o caso é que na actuaes circumstancias faz bastant falta no ministerio o ministro demissionario. Era trabalhador, activo, cuidadoso e sensato, sem desfazer er quem está presente e de quem eu espero com ancia uma sinecura de escacha...

Para o ministerio do Imperio entrou a pessoa gorda e grisalha do Sr. Ma-

noel Portella. Que elle continue na obra do Sr. Mamoré é o desejo do Filindal e de mais tres republicanos dos bons, dos quo não assignaram manifesto nenhum e que estão dispostos a verter até a ultima gotta de sangue pela regeneração patria, pelo advento do suffragio universal, pelo casamento civil, pela musica de Leccoqc e pelas walsas do Sr. Taunay.

Chegaram nesta semana os primeiros telegrammas acerca de S. M. o imperador. S. M. chegou a Lisboa, de onde partio para Pariz por Madrid. Apezar d'esses telegrammas annunciarem melhoras na saude do imperador, uma circumstancia nos punge ainda o coração de subdito fiel: é que o estado de S. M. continua a ser — satisfatorio!

S. M. tem sido atrozmente perseguido por este estado satisfatorio, e nunca se lhe conheceu outra molestia. Os boletins medicos da Tijuca annunciavam diariamente esse estado satisfatorio; agora o primeiro telegramma da Havas diz-nos que o estado de S. M. continúa a ser muito satisfatorio! Se isto não é para matar de desespero uma familia inteira, não sei que diabo hade pensar a gente do coração humano!

Tambem na semana houve tristezas, e grandes. Naufragaram tres paquetes nacionaes: o *Rio Apa*, o *Jaguarão*, e o *Cavour*.

Um-nosso amigo muito intimo escreveu a proposito os seguintes versos, que damos como unico commentario ás horribéis desgraças:

Collinas d'agua alteiam-se, tocando
As nuvens preches de electricidade;
Apavora o fragor da immensidade
Os que andam sobre as aguas navegando.

Rodeado de liquidas montanhas,
Mais temerosas do que as de granito,
Tendo por cima negro o infinito,
Por baixo o mar de incalculáveis sanhas,

Lucta o navio. E aos céus encommendo
A alma nublada, o espirito tremendo,
A febre atroz, ao desespero ardente
Vae-se a tripolação abandonando.

Ruge, assobia rispido o pampeiro,
O vendaval cyclonico, varrendo
As atras nuvens, num clamor tremendo,
E' de horribéis desgraças mensageiro!

Súbito, immensuravel, negra vaga
Tremendamente cae sobre o navio
Num pavoroso impeto bravo,
Arrebenta, espedaça, engole e traga!

Desapparece tudo! O monstro irado
Sacia a fome do seu ventre immundo,
E volta a revolver-se no profundo
Leito — lodoso, negro e ensanguentado.

Logo, á vista dos céus, surge e fluctua
O bando dos cadaveres sangrento,
E no tetro e sombrio firmamento
Não apparece, com terror, a lua.

Não concluirei esta chronica sem prestar *anch'io* a minha homenagem ao grande artista italiano, que nos tem deliciado com o seu prodigioso talento. Com grande e merecidissimo enthusiasmo tem o meu collega P. Talmia tractado dos maravilhosos trabalhos de

Giovanni Emanuel; a mim cahe-me registrar a criminosa indifferença do publico deante este sorprendente artista, que pratica o arrojo quasi inconcehivel de levar o naturalismo ao theatro, o ultimo reducto das convenções classicas e romanticas da arte.

Essa conquista enorme circundará para sempre o nome de Emanuel de um enestinguivel resplandor de gloria.

Salto da minha humildade para lhe bater as palmas, para lhe agitar victoriosamente o meu lenço, e para lhe gritar, num esto de enthusiasmo, com toda a força dos meus pulmões:

— Bravo! Bravissimo!

FILINDAL.

PLEBISCITO LITTERARIO

A apuração das cedulas recebidas até hoje deu o seguinte resultado:

Qual o melhor romance?

O Guarany.....	43 votos
Memorias posthumas de Braz	
Cubas.....	20 »
Motta Coqueiro.....	15 »
O Ermitão de Muquem.....	9 »
Fatalidade de dois jovens.....	6 »
Vicentina.....	1 »
Memorias de um sargento de milicias.....	1 »
Luciola.....	1 »
João e Francisco.....	1 »
O seminarista.....	1 »

Qual o melhor livro de contos ou novellas?

Papeis avulsos.....	27 votos
Historias sem data.....	5 »
Risos e galhofas.....	2 »
Lendas.....	2 »
Leitura variada.....	1 »
Pilherias.....	1 »

Qual o melhor drama?

Mãe.....	39 votos
Luxo e vaidade.....	6 »
Antonio José.....	6 »
O inulato.....	5 »
Os dois embaçados.....	1 »
Omphalia.....	1 »
Martyrios de uma familia.....	1 »

Qual a melhor comedia?

Vespera de Reis.....	43 votos
O Fantasma branco.....	32 »
Demonio familiar.....	25 »
Como se fazia um deputado.....	17 »
Anor'por anexins.....	3 »
Os eonhadores.....	2 »
Uma scena no sertão de Minas	1 »
O pobre namorado.....	1 »
O Club Godipan.....	1 »

NOTAS CRITICAS

REAPPARECIMENTO. INVENTARIO DA MINHA MESA. OS «CONTOS INFANTIS.»

Quando, em o n. 68 d'*A Semana*, encetei estas notas, era minha intenção — intenção que externei — continnal-as regularmente, todos os sabbados. Mas não foi possivel; apenas puds dar tres ou quatro artigos.

Recomeço hoje: mas sem nenhum compromisso; e apenas preso a esta

promessa: — quando me for possível escrever, singelamente, as minha impressão da leitura das obras novas com cuja visitação honrada esta folha, ou de outras, sobre as quaes deva *A Semana* pronunciar-se, — falo-o ei; mas, se o fizer, não será por pavonear-me de crítico, mas por não haver outro collega, mais apto do que eu, que se queira incumbir d'esta onerosa tarefa, e por ter esta folha o dever de emitir juizo sobre ns obras que lhe são offerecidas e sobre as que, pelo eu alto e excepcional merecimento, não devam passar despercebidas por uma folha litteraria, como *A Semana*.

Isto posto, e rolembrando que o titulo d'esta publicação é muito menos pretencioso do que parece, — mãos á obra.

As obras—devia eu ter dito; porque tenho-as em bom numero empilhadas sobre a mesa.

Eis o inventario das mais importantes:

Contos Infantis—de Adelina A. L. Vieira e Julia Lopes.

Viagens—de Eduardo Prado.

Et cetera—de Alfredo Camarate.

Poemas e Idyllios—de Rodrigo Octavio.

Bohemia do Espirito—de Camillo Castello Branco.

Amor d'esposo—de Pedro Americo de Figueiredo.

Biologia e Sociologia do Casamento—do Dr. Gama Rosa.

Perfil de Camillo Castello Branco—do padre Senna Freitas.

Rainha sem reino—de Alberto Pimentel.

Pedagogia e Methodologia—do padre Pussalacqua.

Ha ainda mais tres, de que não tenho propriamente a obrigação mas sim um vivissimo desejo de escrever. São estas:

Lyrice—de Filinto d'Almeida.

A Reliquia—de Eça de Queiroz.

John Bull—de Ramalho Ortigão.

Terei eu tempo e forças para dizer de todas essas obras, francamente e lacticamente, o que d'ellas penso e as impressões que me deixou a sua leitura? Ignoro-o; mas, se de todas não pudér escrever algumas linhas, não será por faltar-me a vontade: creiam-o, e desculpem-m'o os seus distinctos auctores.

Começarei pelos *Contos Infantis*.

E' este livro um dos que mais cedo vieram para a minha mesa e que ha mais tempo dormem á espera de noticia nesta folha. Quando isso mesmo, porém, não houvesse, bastaria, para que lhe eu desse a preferencia, o facto de ser assignado por duas senhoras; por um que fosse, e tel-a-ia, quanto mais sendo-o por duas!

Todos os jornaes que se occuparam com o livrinho das duas talentosas collaboradoras d'esta folha cobriram-o de flores, acolheram-o com abundantes e mercedos encomios.

Tambem eu só tenho gabos, e muitos, e fervorosos, para estes contos, verdadeiramente infantis.

Assim me exprimo, porque os que tinhamos n'hi por essas escolas só eram infantis por se chamarem taes.

Dizem, no seu curto e despretencioso prologo, as auctoras serem os

seus contos narrações singelas, em que procuraram fazer sentir aos pequeninos paixões boas, levando-os com amenidade de historia a historia; e, mais, que diligenciaram dar á forma e ao estylo simplicidade e correção, naturalidade e sentimento, «cousas que se devem alliar, principalmente, nas paginas de proposito escriptas para crianças.»

Tanto este como aquelle escopo, foram brilhantemente alcançados.

Não ha d'estes contos, quer em prosa quer em verso, nenhum que não contenha um proveitoso ensinamento, uma boa lição moral, uma utilidade pratica educativa, vestida na mais singela e amena forma, soh a feição de uma narrativa encantadora e simplissima.

Além d'estes merecimentos, têm o da originalidade na concepção, do bom gosto e bom aviso na escolha dos assumptos e do primor na execução d'elles.

Já era tempo; em verdade, de substituir esses banalissimos contos, essas inspidas fabuletas de bichos e meninos travessos, com que por tanto tempo se têm amollentado e entorpecido de enfado as intelligencias das crianças—terreno seivoso e fertile, mas caprichoso e delicado, que pede sementes de fructos uteis e cultivo esmerado, muito especial.

Nestes contos não se depara idéia que não seja san e verdadeira e não esteja ao alcance da comprehensão das crianças.

E' possível que nem todos sirvam para a primeira classe. Julgo porém que o seu merecimento maior está mesmo em que, sendo todos infantis, prestam-se, no entanto, á leitura da mais atrazada como da mais adelantada das classes das escolas primarias.

Ao mestre a incumbencia e o cuidado de escolha dos contos, segundo o grau de desenvolvimento da intelligencia e de adeantamento dos alumnos.

Outra vantagem: haver tambem contos em verso. E' de toda a conveniencia habituar ns crianças á recitação de bons versos,—correctos, inspirados e naturaes como estes.

Bom parte dos contos em verso é composta de traducções do precioso livrinho de Luiz Ratisbonne — *Comédie Infantine*; e bastaria este trabalho para fazer o elogio de D. Adolua Vieira, a provecissima professora e laureada poetisa, que, aliás, tem no livro contos de lavra propria não inferiores aos de Ratisbonne.

Tanto como obra pedagogica como litteraria, é este livrinho—excellent.

Ha entre os contos de D. Julia Lopes,— prosadora correctá, simples e graciosissima—alguns que podiam ser assignados por Mme. Alphonse Daudet, sendo que todos elles fariam honra á distinctissima prosadora portugueza D. Maria Amalia Vaz de Carvalho.

Que mais dizer d'este livro?

Apenas isto:— que é um crime de lesa-educacão não ter sido elle ainda adoptado pelo Governo para uso de todas as nossas escolas publicas e pelos directores e directoras dos estabelecimentos particulares de instrucção primaria.

Rio—Julho—87.

VALENTIM MAGALHÃES.

VISÃO

Olhou, e viu um riso. Não que houvesse propriamente uma bocca, em que esse riso, que elle bem via, apenas estivesse dilatado conforme era preciso.

Seria o riso como o ideal reflexo involuntario, e d'um estado átonico, em quanto elle conserva-se perplexo, Riso sem alma, sem sentir, sardonico?

Mas elle via-o bem, por mais que o jnizo quizesse afugentar a idéa louca que o seguia; mas era sempre um riso, Embora o riso não tivesse boca.

—Um effeito de luz, talvez,—pensava— que um riso, sem ser riso, parecia— Depois, sorrindo, novamente olhava, E novamente aquelle riso via:

Ergueo-se, e disse:— Certo que é mentira.— E esbugalhava os olhos pra não vê-lo; Torna a olhar, e julgando que delira, Empalidece, e eriça-se o cabello.

Relampeja por diante o mesmo friso, Espantado e amarello. Estremecia De susto, que, apesar de tudo, o riso, Inda mesmo sem bocca e labios, ria:

— Mas se é um riso, deve rir! — E pára, Examinando com secreto estudo; Attentamente espera, escuta, encara, E o riso vê, a rir, de um riso mudo.

Quer convencer-se que tem mal supposto E que o reparo falta-lhe preciso: Vém bem que aquelle riso não tem rosto, Vae rir-se á força, e vê de fronte o riso!

— E' de mais! — A final os olhos fecha, E o riso vê; aperta-os mais ainda; Mas mesmo assim o riso não o deixa, Mesmo dentro de si nuca elle anda!

— Oh! Deus, diz a trêmer, conheço agora Que dentro em mim o escarneo a rir diviso! Perdão, meu Deus, perdão! — Mas, quando Nas lagrimas de jaspe aneia o riso.

E aquelle riso sem ningreio, sem boca, Que nada verdadeiramente exprime, Tanto insistio a rir, que a idéa louca Convenceo-o por ultimo de um crime...

Ficou scismando, entristecido de todo, Tomou essa visão por um aviso: Oriso não mais rio, mas por tal modo Que nunca aos labios mais voltou-lhe um riso.

1887.

J. DE MORAES SIEVA.

CONTO DE FADAS

Contrasensos de atavismo. Algumas vezes nascem principes da poeira humilde das ruas. Não da especie dos conspiradores felizes, que fazem da propria nulidade original arma de guerra e lutam e sobem, cobrejando atravez dos conhecimentos até camppear triumphantes sobre o dominio dos homeos, não: verdadeiros principes, que o são ao nascer; que têm a purpura do manto diluida em globulos de altivo sangue, absolutamente a salvo da embolia mortifera que a impureza do ambiente da sua

miseria poderia occasionar; principes nobilissimos, que têm a força do emblematico sceptro vertibrada em espinha dorsal, inflexivel, a humilhação da sorte, e no olhar firme, sem jaça, que lhes clareia a testa, a magestade dos diademas.

Polem os encontral-os, ao dohrar uma esquina, em andrajos, face cavada pela necessidade e pelo suor,—lagrimas da fadiga.

Pesa-lhes mais que a ninguem a fatalidade architectonica do edificio social, que obriga a superposição dos nudares e a inferioridade do baldrame.

São oriundos d'esta raça os peiores criminosos e os revolucionarios sublimes. Entre estes extremos ha, porém, o meio termo, mais commun, dos obscuros que succumbem, bloqueados na vaidade inflexivel da insigniaria realza.

«Impossivel! monologava Aristo. Com os diabos! E' uma solução arrebatada, que não me entusiasma. Supprimir-me! E' boa! e o meu logar no refeitório da vida? Então não ha um taller para cada um nesta mesa redonda, como não ha, no campo, um figo para cada passarro. Quem me privou do figo nesta partilha? Implorar... Mas haverá passarros mendigos? Ha criancinhas que esmolam cantando; nenhuma outra miseria conheço que cante; não ha lagrimas aladas; a propria chuva, porque parece pranto, calhe na terra. Não será, pois, a vida como o espaço, e as aspirações como um vôo? Ah! mas reflectamos com justeza.

E o que pensarão os figos, d'esta vida? Que opinião a delles sobre os passarros e sobre as aspirações? Tambem, pobresinhos, têm um coração que palpita insensivelmente. Abri um figo; vereis a polpa ouriçada de pontas eangrentas... Como não? os fructos sangram! Têm todos os direitos da maternidade... Não respeitam a maternidade?... inclusive o santissimo direito da dor! Percebo, percebo. Ha homens—figos, ha homens—passarros. Sim! mae eu, figo!.. uma figa! E' preciso que um degraú se estenda em baixo. para que outro degraú se estenda em cima, e a escada suba?...

Eu trabalhei o ferro. Como me comprehendia o masculo metal, parente da energia inflexivel do meu genio! Não me valeu a força de operario; faltou-me a habilidade de mendigo. Trabalhei então o panno. Homens do dispendio, mantenedores da industria, não saheis de que tecido se fazem as ricas vestes. Passaram fibras de coração pelos toares; tingiram-se os padrões com as cores escuras da miseria. Conheceis os rebanhos humanos encurralados nas fabricas. O carneiro dá a lan. Toda essa lan purissima: sensibilidade, delicadeza, pudor, ativez, de que se faz a superioridade moral, se apara ao rebanho humano.

Este precioso estoffo: védes esta rosa entre folhas. Lahada em petalas esplendidas sobre a trama da tecelagem? E' a honra de uma operaria, a infamia feita tinturaria. Não quizeram que eu visse o que eu vi, nem que, vendo-o sentisse.

Passai a ser compositor. Ia encontrar de frente o pensamento, como encontrara a industria. Maravilhou-me a infinidad dos typos no caixotins, palavras reduzidas a migalhas,

idéas pulverizadas! Criei amor ao estanho do typo. O estanho vale mais qua o bronze; porque se de bronze se pôdo fazer o glorioso escriptor, de estanho se faz o livro. Ao metal do gloriado prefiro o metal da gloriin.

Derrou-me a compor esta phraso de um poeta: *Philosophia do mar: os menores peixes, devoram-n'os os maiores. Assim os homens.*

E nesse din não compuz mais. E odio o estanho; voltei definitivamente ás velhas sympathias pelo ferro.»

— E Aristo amaciava na palma da mão o ferro de um punhal, com a alma varada pela meditação cruciante, sentindo rasgar-se-lhe aos pés a aberta por onde, mais dia monos dia, nos escapamos todos para a sombra.

— Aristo, vem commigo; disse-lhe a quem ao ouvido,— uma pequenina voz de mulher, aurea e musical.

Era uma visão de risos, trajando o vestido ethereo dos sonetos de Petrarca, maneando a haste leve de uma varinha de fadas. D'onde vens, desertora gentil dos contos da infancia, graciosa importuna do meu desespero?

— Anda commigo, Aristo. Partamos para a independencia feliz.

E partiram, Aristo e a fada, para uma região fantastica e sorprendente.

Céu vasto, de transparencia inexprimível. As alvas nuvens, por uma superfluidade de acao, iam, como esponjas, esfregando, uma, a uma as saphiras limpas do céu. Cobria-se a terra de pedraria, poeira scintillante de gemmas; erguiam-se taludes de facetado crystal. Estranha vegetação brotava. Perfeta floresta de ourivesaria. Troncos de ouro lavrado e folhagem soldada a fogo. Atravez dos ramos reluzentes, a viração ia e vinha, fria do contacto metalico da selva, sem que o mais debil gallo tremesse, sem que a minima flor vacillasse no hastil. A's vezes, a um sopro mais forte, soltava-se um ramusculo com um estalido secco de agulha partida, ou uma flor desarmava-se, e as petalas cahiam, produzindo o barulho de moedinhas pelo chão. Nenhum outro rumor, nem um perfume, nem uma vida, em toda a paizagem, immovel e rutilante.

Desapparecera a fada com o rosto em risos e o vestido celeste, que descansavam a vista da cruzada das scintillações.

Brilhava no ar, terrivelmente, a claridade verde dos reflexos combinados dos saphiras do céu e do ouro da floresta.

Horas passadas, Aristo teve fome; exacerbou-lhe a sede a secura caustica do ambiente. Descobriu pomos no arvoredado, inchados de maturidade, e gottas de orvalho no calice das flores. Mas, quando quiz trincar os pomos, quebraram-se-lhe os dentes contra a rija resistencia da casca dourada, e bebendo orvalho, purissimoa diamantes aliás, foram-lhe as arestas da pedra ensanguentando o esophago.

— Maldição! maldição! Que me trouxeram ao inferno da pureza e da inflexibilidade!

A fada, apparecendo:

— En sou, pobre Aristo, a fada Ironia. Guiete á patria inexoravel do teu orgulho.

RAUL POMPEIA.

NA GRUTA

A ARTUUR MENDES

*Ha um lago em redor, Em rutilos diamantes
De alva espuma, súsurre a limpida cascata,
Nas pedras desdobrando a clampe de prata,
Respiram-se lá dentro aromas penetrantes.*

*E' toca e estreita a entrada. Orchideas verdjantes
Desbrocham na parede as flores de escorlata,
Do tecto abrupto e agreste o grupo se desata
De stalaactites mil, que pendem gotejantes.*

*Reina o silencio. O luar, que nitido prateia
Do jardim solitario a resplendente areia,
N'agua, que ondula e freme, estende-se e resvala.*

*E a luz, por uma fresta, alvissima, impolluta,
Entra, de lado a lado atravessando a gruta,
Como um grande punhal de lamina de opala.*

OLAVO BILAC.

PALESTRAS FEMININAS

Imaginae leitoras, que eu vinha hontem de admirar Emanuel no *Othelo*; que me ficára no ouvido aquella voz potente, insinuante, meiga, e unica; que continuava a contemplar aquelle amor, como se apezar do ruido das rodas do *bond*, do som das campainhas, das conversas dos passageiros, elle repetisse para mim só todo aquelle poema genial; eu via e ouvia-o distinctamente chamando pela sua loura Desdemona morta! Echoavam em minha alma ainda as ultimas palavras lidas ao villissimo Yago:—*La morte é uma felicidade!* estremeia toda do horror causado pelo estertor final, as convulsões... tudo! e... não senti que parára o *bond* á minha porta. tão absorta vinha. Chamarame-me, desci, e ao descer fiz cair na rua um objecto, perdido naturalmente momentos antes. Tive então curiosidade de ver o que era... Era uma carteirinha de couro da Russa, mimosa e perfumada, uma carteira de mulher. Não tinha iniciaes e fechava com um lapis de ouro liso. Esse, sim, tinha uma letra, uma só, que calarei por discrição. Chegando ao meu quarto, abri a carteirinha e vi em parte escripta com uma letra miudinha, nervosa e firme, letra que denunciava força de caracter e muita alma. Só de manhã adormeci, tanto me impressionou e commoveu o que lera.

Se a incomprehendida e martyr que perdeu a sua confidente, deseja rehavê-la, aqui a tem intacta, com a sua lettrinha, nervosa e quasi palpitante.

Quando li a primeira pagina da carteirinha julguei que continuava a allucinação do *Othelo*, que a minha phantasia lia phrases que ali não estavam...

Elle, o elle que algumas vezes era indicado pela inicial G, tambem por injustos ciumes ferira, tambem um pae inflexivel fizera pezar sobre a filha uma maldição, tambem nessa tragedia real havia um Yago, um miseravel que armara o braço, o odio, do impiedoso G.

Hoje, mais calma, reli uma por uma as phrases entrecortadas que essa alma de mulher altiva e heroica, vasou no assetinado papel da carteira, e transcrevendo algumas paginas d'esse desespero, peço perdão á soffredora a quem sem conhecer estimo.

Quem sabe se taes angustias encerrarão para a leitora proficuo ensinamento?

No alto da primeira pagina estavam escriptas com uma letra elegante e talvez febril, estas palavras:—*Escreve nas brancas folhas d'esta singela carteira, todos os teus pensamentos e a feliz mil vezes aquelle, que no que escreveres tiver o direito de soletrar letra a letra estas palavras: Amo-te!*

G.

Um pouco abaixo, com a letra que

escreveu tudo o mais, esta eloquente resposta:—*Se te amo!*

Na segunda folha uma unica data:—*6 de Março.*

Na terceira eate soneto:

A MINHA CARTEIRA

Prenda foste de amor, nustas de neve setineas folhas, folhas de camella, a penna d'ouro corre ardente, impelle-a este volcão que ha de matar-me em breve.

Pode o excesso de vida, que não deve, levar nas ondas da corrente celia no inditso Hamlet a doce Ophelia que contra amor, a morte, algoz, se atreve.

Mas que importa morrer como Julieta se os beijos de Romeu, supremo anhelto! tornam a dor final gloria completa?

Amo-te: vem! desastro o meu cabelo e a caução do saigueiro então inquieta: mesmo que me estrangules, vem! *Othello!*

14 de Abril.

(Poetisa e martyr, revela aqui a infeliz que amava e sabia que era *Othelo* o homem por quem se sacrificava.)

Na quarta pagina só estes dous versos:

Magoas, e magoas, sempre magoas; tudo mentira, tudo falsidade

D'ahi em deante principia o tormento sem nome do abandono, muitas phrases são verdadeiros enygmas só decifraíveis para quem já soffreu amarguras eguaes; e como penso e espero que nenhuma das minhas felizes e amadas leitoras deixou um só instante o aureo throno de absoluta soberana, não copiarei aqui senão as que todas entendem e avaliam.

Aqui está o que li na 8ª pag. Que pensa de mim este homem? Meu Pae! como a tua justa colera peza sobre mim! Se eu te houvesse escutado! Que querias tu? que eu o esquecesse e que para isso casasse com o Barão e fosse viajar... mas o Barão é um miseravel, um calumniador infame. Para livrares-me do leão, entregavas-me ao chagal; prefiro o leão.

Em outra:
O meu ninho, occulto entre madre-silvas e jasmims, já não é ninho: é covil, onde rugem, medonhas, as feras Remorso e Desprezo!

E desprezo porque? Já me queixei uma só vez de isolamento ou saudade? Não esbofetei eu o homem que em nome do Barão vinha oferecer-me... consolações! Oh! como é vil o Barão! Noutra!

Serei menos formosa?
Formosa! era-o hontem, porque era amada; hoje não o adormeco mollemente o negro dos meus olhos nem o esperta a alvorada do meu sorriso! Infamia e miseria!

Em outra: Tive coragem aquelle *fidalgão cobarde* para não torpe vingança! Eu, sua amante! Disse-o a G. e deante de testemuhante elle E, o miseravel, não o matou... não o aceditou oh! Furias!

Em outra:
Humilhei-me, chorei, rojei-me a seus pés supplicante e elle rio e insultou-me friamente... *Comediante!* disse.

E' villez de mais! Ergo-me altiva e morrerei silenciosa e digna.

Oh minha mãe! Como foi misericordioso contigo o Deus que te poupou á dor de veres a tua filha desgraçada! Oh! minha santa mãe! se tu vivesses, o teu amor vidente, ter-me-ia arrancado ao abysmo d'este maldito amor! Oh! os corações das mães como adinham e aconselham! Felizes os que as ouvem! Eu já não tinha mãe!

Men Pae! perdôa-me, tira de sobre mim a tua maldição... desobedecei-te... amava tanto!... Não podia ser feliz sem a benção de meu Pae, sabia-o e seguiu coração transviado.

E tarde, muito tarde!

Em outra:
23 de Junho! Que festa ha um anno! O meu vestido branco, branco! puro!

Lembro-me... cantei o romance de Tosti: *Ricordati di me, e elle*, encostado ao piano, com os olhos fitos em mim, ouvia-me... e chorou... chorou sim; aquelle monstro que... adoro e odeio!... *Ricordati di me!*

Eu já não sei cantar; choro, choro... e chorando passo a vida. Como custa a morrer!

Na ultima pagina escripta: Partio para longe e foi com elle o Barão. A vibora não o quer deixar de todo, sem lhe babar n'alma toda a peçonha.

Assassino da sombra, que me mataste a alma, deixando-me viva a carna, —eu te maldigo.

«Morrer, é não amar, é não soffrer!»

Compreheideis, leitora, que dor infinita esmaga a dona da carteirinha? Vós que tendes mãe, ouvi-a sempre; seja vossa mãe a vossa primeira conselheira e confidente.

Obedecer aos paes é dever; ás mães é ventura. Felizes as que têm paes, que ao abençoa-os sorriem.

ADELINA A. LOPES VIEIRA.

SONETO DE UM SUICIDA

(AO DR. LUCINDO FILHO)

*Mata-me a dura lei da varia Natureza,
Que nos faz desajar o que nos é prohibido;
O fructo do peccado é o mais appetecido,
E o crime é um bello ornato ás graças da Belleza.*

O distico — Não toque— do mal a certeza
São dois inans fataes, a que anda o amor vencido;
Os direitos cruéis do amante e do marido
Augmentam da paixão a tempestade accessa.

Morro porque te quero e não podes ser minha:
Separa-nos um muro estúpido e fatal,
Quando, no entanto, o Amor, a rir, nos avizinha.

Supplicio sobrehumano o delicia infernal,
Que todos podem ver, mas ninguém adivinha!
— Morro porque és o bem e desajar-te é o mal

VALENTIM MAGALHÃES.

26 de Junho de 1887.

(Do Vassourense)

NOTAS BIBLIOGRAPHICAS

A empresa «Noites Romanticas», de Lisboa, pertencente ao Sr. Francisco Nunes Callado, encoutou a publicação, por fasciculos, de uma obra que promete ser interessantissima. E a *Historia de Victor Hugo*, por Crisóbal Litrán, com um prologo de Rosendo Arus e Arderiu. E' certo que este como aquelle nome, exquisitos ambos, são desconhecidos entre nós.

A circumstancia porém de aer a obra traduzida e precedida de um estudo aobre V. Hugo por Teixeira Bastos é garantia da sua importancia. Além de que o edictor não se abalançaria o tamanha empresa, ae a obra edictandã não compensaase o trabalho, o tempo a as despezas. A edição é illustrada com boas gravuraa zincographicas Filial no Rio de Janeiro, rua Gonçalves Dias, 67.

Não jures por cousa alguma! — E' um romance—esboço escripto pelo Sr. Capitão Joaquim S. de A. Pimental. Edictou-o a *Tribuna de Paraty*, imprimindo-o em suas proprias officinaa; sendo para notar que é este o primeiro livro que se imprime em Paraty. E digam lá que Paraty é acenta a terra do dicto.

O livrinho está bem impresso tem 45 paginas e é uma boa *pinga*, queremos dizer, uma boa amostra do que ainda

se poderá fazer neste genero por tão longos terras.

O merito litterario de *Não jures por cousa alguma* é muito pouco: consiste em ser um trabalho escripto com pretenções e sem viser outro fim que o de proporcionar ao leitor a narração mais ou menos viva de um episodio que, se por um lado é verosimil, é por outro prejudicado; o isto pelas circunstancias de que o Sr. Pimentel o rodeou, deixando-se levar unicamente pela força de sua imaginação.

Quanto á linguagem, embora não seja escoimada de certos descuidos, é correcta, sendo para lamentar alguns graves erros de concordância grammatical que se encontram no livro, os quaes, julgamos nós, serem descuidos de revisão que não de autor.

A.

CHRONICA SCIENTIFICA

FACTOS MEDICOS E CIRURGICOS

HOSPITAL DA MISERICORDIA

O Hospital de Misericordia atravessa actualmente uma das phases mais interessantes do seu movimento clinico.

As enfermarias regorgitam de casos importantes, que, poudo em relevo o saber e illustração de seus chefes, em beneficio sempre da humanidade que sofre, servem do proficuo ensinamento aos que alli vão aprender.

Nos serviços de medicina, ao lado de grande numero de molestias cardiacas, pulmonares e de natureza palustre, constantemente observadas, nota-se presentemente grande variedade de lesões do systema nervoso, que tem constituido o objecto das lições dos dous notaveis professores de clinica, dando ensino, ao mesmo tempo, a se fazerem conhecidos os estudos e investigações mais recentes que tem operado assignalada revolução nesse ponto tão difficil e sempre curioso da clinica medica.

Na enfermaria de clinica, sob a illustrada direcção do eminente professor conselheiro B. de Torres Homem, prendem mais de perto a attenção dous casos de subido valor scientifico: um—pela sua raridade, e outro—pela anomalia de sua marcha.

O 1º, um *tubercle spasmodico*, traduzindo uma affecção localisada, como é de regra, em um dos lados da medulla (o direito neste caso), foi pela 1ª vez observado nessa enfermaria e talvez em todo o Hospital; o 2º, uma *hemorrhagia meningea* (*pachymeningite*) trazendo como consequencia manifestações alternadas de com apoplectico, epilepsia jacksoniana com rotação da cabeça e desvio conjugado dos olhos para o lado direito, onde houve paralyisa e por onde começam os movimentos epileptoides.

E', em resumo, um caso que se presta ás mais interessantes interpretações em relação á sua anatomia e physiologia pathologicas.

Ambos constituiram o assumpto de magistraes lições oraes, produzidas pelo sabio professor.

Na 2ª enfermaria de clinica medica existem dous casos de *beriberi*, isto é, de *polynoeurite infectuosa* de accordo com as mais modernas opiniões acceitas e brillantemente sustentadas pelo abalizado professor Dr. Martins Costa, digno chefe d'essa enfermaria.

Finalmente, no serviço medico (mulheres) do Dr. Benicio de Abreu,—onde a therapeutica como sciencia pratica conta os mais legitimos successos, devidos aos elementos investigadores do grande talento d'esse professor,—há a notar, entre outras, a proveitosa applicação do nitrato de prata, continuamente administrado desde 5 de Janeiro, em um caso antigo de *sclerose dos cordões posteriores da medulla*.

Nos serviços de cirurgia são os seguintes factos clinicos de mais particular interesse:

A' enfermaria do Dr. O. Bulhões recolheu-se um individuo com um *aneurisma da arteria subclava*.

As desfavoraveis condições do doente dificultavam em extremo a escolha do processo operatorio.

Entretanto, julgou o illustrado cirurgião que o unico meio susceptivel de algum resultado seria a operação de G. Bacalli, isto é, a introdução de delgadas laminas de aço, em volta das quaes se deverá operar a coagulação do aangeo contido no sacco aneurismal.

Foi esse com effeito o tratamento definitivo estabelecido pelo Dr. Bulhões, que, diante de grande numero de medicos e estudantes, e auxiliado pelo estudioso professor Dr. S. de Magalhães, praticou essa grave operação segundo os preceitos estatuidos pelo medico italiano, introduzindo quatro molas de relógio de 40 a 45 centimetros de extensão sobre cerca de 2 milimetros de largura sem o menor accidente.

Parece que bem avisado andou o illustre professor preferindo esse meio curativo, pois as condições actuaes do operado, assás favoraveis, são evidente prenuncio de exito lisongeiro, tanto para o doente, que se vê curado, como para o cirurgião a quem cabem com justiça os louros da arriscada tentativa.

Como operação de urgencia foi pelo mesmo operador feita a *tracheotomia*, de Chassaignac, reclamada por um immenso sarcamatoso comprimindo as vias respiratorias e pondo assim o doente em risco imminente de asphyxia.

Já está no dominio do publico a operação da *laparotomia* praticada, em sua enfermaria de clinica, pelo Dr. Lima Castro e reclamada por uma peritonite enkystada; resta, porém, acrescentar que o doente, que nessa mesma enfermaria soffreu já tres diferentes operações, teve alta, perfeitamente restabelecido.

Em um dos dias da semana ultima foi praticada a ressecção do fragmento superior do cubito direito, que gravemente comprometia o resultado de uma fractura exposta nas piores condições e em que, apezar de tudo, o Dr. Lima Castro empregou todos os recursos tendentes a impedir a mutilação do membro—ultimo e unico meio de salvar a vida do doente. E' de esperar que os esforços do joven e intelligente cirurgião sejam bem successidos, attendendo-se ao bom exito que em sua enfermaria têm alcançado as fracturas complicadas.

Segundo rezam as estatisticas o serviço do hospital que tem recebido mais avultado numero de fracturas complicadas e de mais grave prognostico; entretanto, é alli tambem que a cirurgia verdadeiramente scientifica, verdadeiramente humanitaria, a cirurgia observadora, obtem repetidas victorias, prestando-se ás mais brillantes manifestações do talento e do saber do sympathico cirurgião, um dos seus mais fervorosos sectarios!

Verdadeiramente scientifica foi a operação habilmente feita pelo Dr. Pereira Guimarães em sua enfermaria, em um doente que, há já alguns annos, foi victima de uma lesão na articulação coxo-femoral.

Com o correr dos tempos a molestia, foi se accentuando; e, revestindo-se, gradualmente de caracteres mais sérios, resistindo aos tratamentos mais energicos, patenteava a sua tendencia a evoluir, causando notaveis desordens anatomicas no ponto que escolhera para a exhibição dos seus effeitos.

Trata-se de um caso curioso de *tuberculose ossea*, limitando-se em suas manifestações a um ponto principal do systema osseo: a extremidade superior do femur direito.

Esgotados todos os meios de modificar esse estado, o illustre professor Pereira Guimarães viu-se, mais uma vez, na necessidade de recorrer á sua habitual pericia e illustração—intervindo por meio de um dos mais raros e dos mais difficis actos da alta cirurgia.—a ressecção do femur direito até abaixo do grande trochantas e raspagem e ressecção da parte da cavidade cotyloide correspondente.

A operação correu bem, e apezar da sua gravidade, á vista do estado satisfatorio do operado, é de crer que ella lhe seja de utilidade.

Foi tambem operado pelo mesmo cirurgião um caso dos mais raros; um

kysto dos seios frontaes, cujo diagnostico foi previamente declarado.

Na proxima semana serão operados; na enfermaria do Dr. Barata Ribeiro—um tumor do seio maxillar, na do Dr. Bulhões—um interessante tumor abdominal.

Na proxima chronica serão referidas as operações ultimamente praticadas pelos Drs. Lima Castro e Pedro Afonso Franco, além da exposição dos casos clinicos de maior importancia.

21—7—87.

DR. DODSTOL.

JORNALS E REVISTAS

Mais um novo jornal na Côte—*A Côte*. Diz no cabeçalho que é artistico, litterario e recreativo. Acredita-mo o piamente, pois não havia *A Côte* de iniciar a vida a mentir. E' seu director o Sr. Eugenio Nunes. A simples leitura d'este numero convence de que são principiantes os seus redactores e novéis ainda na arte de escrever. Mas que diabo! é mesmo pelo principio que se principia e antes de ser-se projecto é forçoso que se seja novel. A cousa está em revelar talento e criterio desde o começo.

Como somos mais velhos e sympathicamos com *A Côte*, ousamos dar-lhe conselhos. Olbe, abandone a imitação; para que macaquear os macaquinhos de *José Telha*? Que merecimento ha nisso? E deixe tambem de dar *piadas*, como as folbas diarias. Ha outros mais seguros meios de attrahir a attenção. Quando se tem talento e mocidade como os redactores de *A Côte*, não se tem o direito de imitar os velhos, e exactamente no que elles têm de peor.

Comprimntamos *A Côte*.

De S. Paulo chega-nos o primeiro numero de *A Violeta*; é uma publicação litteraria elegantemente redigida e collaborada e primorosamente impressa. Aparecem neste numero versos de Narcisa Amalia, Olavo Bilac, Raymundo Corrêa, e escriptos em prosa firmados por conhecidos escriptores.

Desejamos-lhe longa e auspiciosissima existencia.

O Grito do Povo n. 3, 4 e 5. Todos consagrados em energicos artigos, á causa da republica; o do n. 5 *O que foi o segundo reinado* fecha com estas linbas: «Chegamos a um tal estado de decadencia que podemos exclamar como Seneca: «Morreram os costumes, o direito, a honra, a piedade, a fé e aquillo que nunca volta quando se perde: o pudor!»

Energia é que não falta ao *Grito*.

Está excellente o n. 26 de *O Brazil Medico*. Contem artigos sobre hygiene publica, therapeutica, e trata da sessão que realisou em 17 do mez passado a Sociedade de Medicina e Cirurgia.

Revista de Engenharia, n. 165. Muito bem redigida. São dignos de nota os seus trabalhos sobre industria, estradas de ferro e meteorologia.

Temos o n. 306, anno X d'*O Occidente*. Na sua primeira pagina traz um bom retrato do distincto escriptor e ministro portuguez José Luciano de Castro. Na parte litteraria apparecem a *Chronica Occidental* de Gervasio Lobato, um artigo firmado por P. C. (Pinheiro Chagas?) e intitulado *Fontes e Thomaz Ribeiro* e a continuação do *Dom Tarouca*

A *Revista do Ensino*, que se publica em Ouro Preto, vai carreira brilhante.

O n. 13, que recebemos, é prova bastante do progresso que de numero a numero faz esta publicação. São bem escriptos e dignos de leitura todos os seus artigos.

O n. 2. Anno II da *Revista Federal* traz vibrantes artigos devidos ás pennas de Alvaro Chaves, Romanguera Corrêa e Salimha Marinho. São da sua interessante secção *Subsidios Monarchicos* os seguintes pedacinhos:

«Quarenta annos de reinado, quarenta annos de mentiras, de perfidias, de prepotencia, de usurpação!...
... Principe conspirador! Ceasar caricato!

FERREIRA VIJANNA.»

«Eu tenho vergonha de ser monarchista.

MARTINHO CAMPOS.»

«A monarchia no Brazil ainda não produziu o minimo bem.

AFFONSO CELSO.»

Faz bem o collega em relebrar as republicanicas dos nossos monarchistas.

Do *Club de Engenharia* recebemos o n. 6 da sua importante revista mensal, que está brillantemente collaborada.

A.

THEATROS

D. PEDRO II

Companhia dramatica italiana dirigida por G. Emanuel

FEDORA

A representação da famosa peça de Sardou—especie de Inva talhada por elle para o talento artistico de Sarah Bernhardt—não veio interromper a serie do triumpho d'esta companhia, nem lançar agua na fervura do entusiasmo publico por Emanuel; tendo vindo acendrar e triplicar a sympathia e a admiração por Virginia Reiter.

Daremos a nossa impressão geral em poucas palavras, pois não nos sobra espaço.

A gentil e talentosa discipnla do grande tragico naturalista srpreheendeu-nos com a imprevisita manifestação de algumas qualidades dramaticas de primeira ordem.

Não se pôde dizer que ella tivesse feito uma *Fedora* completa, perfeita.

Longe d'isso. O seu trabalho é muito desigual.

Algumas scenas mal representadas, phrases ditas sem o devido relevo e a precisa expressão, gestos demasiados e nem sempre de accordo com a situação, vacillações aqui e ali, por vezes mesmo mostras de canaço.

Mas, em compensação, todaa as pagagens de vigor, todas as scenas de sentimentos energicos e de expansão dramatica foram representadas com muito brio, desembaraço e justesa.

A scena com Loris, no sofá, no segundo acto, a scena final do terceiro e as ultimas do ultimo foram muito bem feitas, revelando-se nellas a Sra. Reiter actriz de largo e brilhante futuro, mórmente se attendermos a que ha cinco mezae apenas que slla está fazendo papeis de primeira dama galan.

Quem assim começa hade ir muito longe.

Consegnir que esta platêia, que vio o papel feito por Sarah Bernhardt e Duse Chechi, a applaudisse e victoriasse pela maneira porqns o fez, é conseguir muito, muitissimo.

Era grande a anciedade de ver Emanuel—de casaca.» Essa curiosidade era

justificável, pois que até á noite de terça-feira ultima elle ao se apresentara de manto, túnica e capa (*Othello, Nero, Figaro e Hamlet*.)

E' elegante e naturalissimo. Veste a casaca com a mesma atarace com que se envolve no manto grego on na capa hespanhola.

Mas no espectador, que antoa ao assombrára ao vel-o nas roupagens da tragedia e do alto drama, parece que está coagido, suffocado na elegante *soilette* da corte de primeiro artista da comedia moderna.

A impressão geral é que eile é grande do mais para essas frageis e delicadas vestiduras, e a todo momento espera-se o vel-o espedaçar a casaca e surgir de túnica ou manto, em toda a altura das grandes e immortaes creações do theatro shakespeareano.

Affiguro-se-nos que Emanuel havia creado um Loris Ipanoff, muito diverso e muito maior do que o de Sardou, tal foi a grandesa dramatica e a paixão que elle imprimio no papel e a originalidade com que o interpretou.

E' de toda a justiça tecer uma coroa de gabos á Sra. Aleotti, que nos deu uma condessa Olga distinctissima, cheia de malicia, graça e *nonchalance*; parecendo fazer esse papel ainda melhor do que da vez em que cá esteve com a inolvidavel Duse.

E' uma actriz de grande merecimento a Sra. Aleotti. Diz admiravelmente, tem uma bella physionomia, extremamente ductil, uma boa voz, inflexionada sempre com acerto, e possui fibra dramatica, dando calor, vida, caracter ás personagens que representa.

Todos os outros artistas secundaram valentemente esses tres, inclusive Valentie e Marquez.

HAMLET

No *Jornal do Commercio*, que tem escripto de Emanuel e da sua companhia com grande criterio e justicia, publicou ante-hontem *Nemo* (que nos dizem ser o Sr. Luiz de Castro filho) um bello folhetim, defendendo Emanuel das objecções que, na imprensa e fora d'ella, tem sido feitas á interpretação dada pelo assombroso artista ao *Hamlet*. Tencionavamos escrever qualquer coisa a esse respeito; mas depois d'esse trabalho aeria ocioso. Todas as objecções são cabalmente destruidas com argumentos irrefragaveis, pois são fundamentados em passagens da propria peça original.

Uma, porém, deixou de lembrar o folhetinista. E' aquella em que Polonio vem contar ao rei e á rainha que o principe enlouquecera, tendo começado a sua enfermidade pela melancolia, a acabar no *delirio*. Só pôde accusar Emanuel de haver carregado na loucura fingida a quem não tiver lido a peça.

Aquelle trabalho é como um enorme *bibão* de diamante: não tem brecha, não se parte, resiste a todas as picarotas da critica mais apaixonada e prevenciada. Convençam-se d'isso os dissidentes, que, aliás, por honra dos fóros artisticos d'esta capital, são mui poucos.

A MORTE CIVIL

Falta-nos espaço para dar o *compte rendu* da representação d'este bello e conhecido drama de Giacometti. Apenas podemos dizer que no papel de Conrado, o assombroso Emanuel alcançou um triumpho equal, senão maior, aos que obteve nos papeis de *Othello, Nero e Hamlet*.

E' um trabalho sublimi de verdade e sinceridade artistica.

A morte é uma maravilha. O espectáculo fechou admiravelmente, representando-se julgamos que pela primeira vez nesta capital—a deliciosa comedia em um acto do grande poeta Cavalotti—*A filha de Jeffé*—uma joia litteraria finissima.

Virginia Reiter alcançou extraordinario successo no papel da protagonista.

Revelou-se uma brilhante de extraordinario e excepcional merecimento. O seu trabalho é um primor de graça, frescura, simplicidade, ironia e encanto. Um mimo adoravel!

O publico applaudiu-a com arrebatamento, fazendo-lha uma d'essas ovações que só aos grandes artistas se fazem.

Aleotti foi magistralmente no seu

difficil papel, vivendo-o com um intanso vigor de paixão. Uma actriz distinctissima, esta; ainda não vimos trabalho seu em que a não pudessemos applaudir sem restricções.

Roncoroni é um magnifico actor de comedia. Disse e representou o seu pequeno papel á maravilha. Não se pôde ser nem mais engraçado nem mais natural.

Uma noite encantadora!

Infelizmente, o theatro estava quasi vazio. O camarim de Emanuel, ao acabar o drama, estava repleto de admiradores que o cumprimentavam com effusão.

O grande artista, agradecendo, disse, com um fino sorriso:

— Ah! se eu tivesse na sala esta *enchente* que tenho no meu camarim!

Uma vergonha inqualificavel o abandonou em que se tem deixado este theatro, quando nello representa Emanuel, — o assombroso e genial Emanuel.

S. Paulo, a briosa e adeantada capital, vai dar-nos lição semelhante á que nos deu com a Sarah Bernhardt: — em S. Paulo Emanuel não terá talvez mais ardentes applausos por parte da imprensa e dos entendidos; mas com certeza ha de ser recebido pelo povo na altura do seu merecimento, com encheites todas as noites.

Infelizmente esta capital ignorante, leviana e burgueza, que só do lyrico finge gostar, não se envergonhará d'isso nem procurará emendar-se.

Como para protestar contra o procedimento vergonhoso do publico, os jornalistas que estavam no theatro promoveram uma manifestação a Emanuel, á porta do theatro, e ao sahir o grande artista, no seu carro, foi recebido com estrepitosa salva de palmas, sendo saudado em nome da imprensa brasileira.

Este preito deve tel-o consolado da falta de publico aos seus espectaculos.

«HAMLET» E O CHRONISTA THEATRAL DO «PAIZ»

No *Paiz* de segunda-feira, 18, o chronista theatral impugna um trecho da nossa apreciação do *Hamlet* traduzido por J. A. de Freitas e representado pela companhia dramatica portugueza. Eis o que diz o chronista do illustrado contemporaneo:

«Referindo-se ao *Hamlet*, o illustrado chronista theatral d'A *Semana* julga com precipitação o trabalho do traductor portuguez, attribuindo-lhe alterações que, como facilmente poderá verificar, não constam da peça portugueza; entretanto o intelligente critico, desconhecendo, provavelmente, essa tradução, que se acha á venda no Rio de Janeiro e de que a imprensa recebeu exemplares, assegura que o traductor,—que aliás não conhecemos pessoalmente e por isso não temos segunda intenção defendendo—alem de uma má tradução fez uma pessima *acommodação*. Suprimio quadros inteiros e cortou dialogos importantissimos para o conhecimento perfeito do typo do heróe. A entrevista do principe com a mãe, que deve ser passada no aposento particular da rainha, é passada na sala do theatro; além d'este erro, o traductor cortou a sceoa em meio, suprimindo o resto do formoso dialogo em que o procedimento de Hamlet com a mãe se humanisa e se justifica. E' muito perigoso tocar assim ineptamente na obra do genio. Aparem-se-lhe as asperezas nativas, transija-se com as necessidades e conveniencias da representação, mas de modo que não fiquem, como no caso presente, alterados o caracter dos personagens e o desenvolvimento logico da acção. Na *acommodação* do Sr. J. A. de Freitas, o caracter de Hamlet não está determinado; a inteireza, a cohesão psychica do typo não está definida como no original.»

E' muito razoavel tudo o que diz o nosso estimado collega e do mesmo modo mostramos pensar ao concluir a nossa noticia da primeira representação d'essa tragedia em portuguez. Podemos, porém, assegurar que na peça publicada taes alterações não existem.»

O trecho que o amavel collega transcreve é explicito, e doe-nos que o col-

lega não quizesse ou não pudesse ler o que está clarissimamente escripto.

Nós nos referimos á peça *publicada*; referimo-nos á peça *representada*, o que é diferente, e por isso lhe chamamos *acommodação*. Que nos importa que o traductor vertesse completamente o original, se depois d'essa versão fez uma *acommodação*, toda cortada, aparada, com longos trechos supprimidos, com quadros inteiros despresados? Note-se que o *arranjo* do *Hamlet* que a companhia portugueza representa foi feito pelo mesmo J. A. de Freitas.

O chronista do *Paiz* apreciou o nosso artigo baseando-se na tradução publicada e nós escrevemol-o sobre a tradução representada. Para lhe demonstrar que ha enorme diferença entre os dous trabalhos do mesmo traductor, apontaremos, por exemplo, o monologo de Hamlet na scena segunda do primeiro acto, que está em prosa na peça publicada e que Brazão recita em oitava rima que principia:

«Nesta solida minha carnadura»; a fala de Horacio, quando se refere aos mortos romanos que, antes de Julio, abandonaram as sepulturas e andaram ululando pelas ruas,—na scena primeira do mesmo acto, que é dita por Hamlet na scena segunda; apontaremos ainda o monologo celebre—*Ser ou não ser*, que está em prosa na peça e que Hamlet diz em decasyllabos rimados, no theatro.

Já vé o critico do *Paiz* que não fomos nós quem julgou com precipitação.

Quem sabe se pela mento do critico do *Paiz* passou a suspeita de que fossem os artistas do theatro D. Maria que arranjaram a peça para ser representada, aparando-a, decapitando-a, castrando-a, e pondo-lhe em verso varias passagens de prosa? Se tal pensou, collega amigo, que lho agradeça o Sr. Freitas e que lho perdoe a Patria, assim como nós lhe perdoamos.

Amen.

Na quarta feirn proxima offerecerá Emanuel aos seus admiradores um espectáculo magnifico, primoroso, em que se apresentará nos tres generos — tragedia, comedia e drama.

Representar-se-ão: *Mercadet*, comedia de Balzac, em 2 actos; dois actos do *Bastardo*, drama, de Touroude e o ultimo acto do *Rei Arduino* — a morte — tragedia de Stanislaú Morelli.

E ainda hoje é sabbado!

No dia 30 do corrente realizar-se-á a festa artistica do grande interprete de Shakespeare:

Representará o *Kean*, de Alexandrs Dumas.

Preparam-se grandes manifestações para essa noite.

S. PEDRO DE ALCANTARA

Companhia do theatro D. Maria II

«SEVERO TORELLI»

Esta excellente companhia levou á scena na semana passada o drama em 4 actos, em verso — *Severo Torelli*, original do grande poeta francez François Coppée, traduzido por Macedo Papança e Jayme Victor.

A peça é de um alto valor litterario, mas carece por vezes de interesse dramatico. A acção é desenvolvida muito lentamente e esta lentidão, que pôde delectar o leitor pela perfeição artistica dos versos, pela affluencia de imagns poeticas, pela alteza do pensamento e pelo rythmo d'aquella poesia caudalosa e fluentissima de que o grande poeta tem o aegredo; esta lentidão

fatiga por vezes o espectador, que exige no theatro a emoção antes de tudo.

O episodio central sobre quo giram os cinco actos d'este mestre da poesia franceza, (Porqus a peça original tem cinco actos), se fóra tractado por um mestre do theatro, daria um drama soberbo. D. José Echegaray, o immortal actor do *Gran Galeoto*, tracta um assumpto semelhante no seu drama *O que não se pôde dizer* e alcança muito maior elevação dramatica, que ao pecca, talvez, pela demasia das ombras e pelo carregado tetrico dos effeitos.

Ha, contudo, ne drama de Coppée, scenas magnificas, tractadas com superior talento o extraordinario vigor. São d'esse numero as scenas da revelação de D. Pia a Severo, no segundo acto, e a do quarto acto entre Severo e Barnabó.

Brazão deu-nos mais uma prova do seu brilhante talento na interpretação do protagonista. O joven e ardente Severo é representado com grande vigor e paixão pelo notavel actor portuguez. Na grande scena do segundo acto e em todas em que a energia dramatica é exigida pela acção, Brazão esteve magnifico e arrebatou a platéia, que o applaudiu com muito justo entusiasmo.

Augusto Rosa imprimio tambem um grande relevo ao papel de Barnabó. Fello com originalidade, e caracterisou com muito talento o cynismo prepotente do tyrannete de Pisa. A morte foi de um grande effeito theatral.

João Rosa tem o papel do velho Torelli, papel sem importancia, quasi fóra da acção, puro accessorio theatral, mal esboçado pelo actor; num papel nestas condições poucos poderiam fazer tanto como o notavel artista.

Virginia não se caracterizou para o papel de D. Pia, de modo que antes parecia irmão do que mãe de Severo. O papel de D. Pia é demasiado dramatico e apaixonado para a indole d'esta artista e para o temperamento d'esta senhora. Entretanto Virginia esforçou-se por lhe dar vigor, embora poucas vezes o conseguisse.

Os demais papeis não têm importancia apreciavel.

Realisou-se bontem no S. Pedro o beneficio da distincta actriz Virginia, com a primeira da *Martyr* de D'Ennery.

PRINCIPE IMPERIAL

O BARÃO DE PITUAUSSU'

Na sexta-feira da semana passada deu-nos a companhia do Adolpho de Faria, em primeira representação, a nova comedia em 4 actos, original de Arthur Azevedo — *O Barão de Pituaussu'*

Esta peça do nosso notavel commedographo é uma continuação da sua *Vespera de Réis*.

O autor tomou alguns personagens da primeira peça, transportou-os para a corte e engendrou nova acção em que intervem providencialmente o tabaré da Bahia.

A comedia está escripta com muito talento e observação. A acção é conduzida com habilidade e naturalidade e revela-se mesmo uma certa audacia na maneira de apresentar certas scenas, notadamente as do segundo e terceiro actos—em casa de uma *cocote* e no jardim do theatro Sant'Anna.

Além de muito espirito, tem a comedia um bom par de typos novos—o Dr. Gouveia o *Symphronio*, ambos muito verdadeiros e desenhados com um certo vigor naturalista que falta em geral ás comedias nacionaes.

O dialogo da peça é muito vivaz e natural, o que se nota no quarto acto, quasi já sem acção, que ficou extinta por terminado o episodio central no terceiro, e que, entretanto se ouve sem fadiga. O actor parece tel-o escripto para fazer a moralidade do caso, e consegue-o. Ha nella effectivamente uma grave lição de moralidade, embora em certas scenas bouvesse quem arguisse de immoral a comedia.

O maior erro da peça pareceu-nos ser o final do primeiro acto, em que Alberto pede a Gouveia que jante com a sua esposa (delle Alberto) e que lhe applaque

os nervos. Não sendo Alberto amigo de Gouveia, como elle mesmo diz no quarto acto, aquella confiança não é natural nem está nos nossos costumes.

O desempenho dado pelos artistas ao *Barão de Pitussú* foi muito regular, destacando-se numa grande saliência o esplendido trabalho de Xisto Bahia, que tem no papel de Bernudee a sua melhor e mais ampla criação artistica. Peixoto fez com relevo e graça o seu papel de moleque. Colás, conservando ainda a sua cabelleira do *Bilatra*, e vestindo-se com pouca gravidade, fallou um tanto ao caracter habitual dos nossos medicos; em todo o segundo acto, talvez por ter de falar sempre em francez, esteve arcaico e desafiando muito do diapaeão da Sra. Bianche. Esta artista deu bastante relevo ao papel de Jeannette. Fanny, não nos pareceu tanto á vontade na Milu do *Barão* como na da *Vespera de Reis*.

O Sr. Phebo foi muito infeliz no papel de Gouveia; representou-o francamente mal, sem relevo e sem vida.

Santos Silva foi um bom Symphronio, bem caracterizado e bem senhor do typo.

A musica da peça, compoeta pelo Sr. A. Lindner, é de bom effeito e revella qualidades muito apreciaveis. Os scenarios são, bons, meos e do terceiro acto, que representa o jardim do Santa Anna.

LUCINDA

Tem continuado sempre crescente o successo da excellente companhia de Zarzuelas. Quasi todas as noites nos dá peças novas, muito bem cantadas e montadas a capricho.

BENEFICIOS

No dia 26, no Lucinda, o de Valentim Garrido.

No dia 27, no Recreio, o de Ismenia, com *Lucrecia Borgia*.

No Principe, o do Peixoto.

No S. Pedro, no dia 28, o de Brazão, com a primeira do *Othello*; depois o de João Rosa com *O Duque de Richelieu* e o de Augusto Rosa com *O Parisiense*.

No Pedro II, brevemente, o de Virginia Reiter com *Frou-Frou*.

P. TALMA.

ABYSMO ILLUMINADO

Eu sou despenbadeiro hianete,
Onde só brota a urze e e tejo;
A Lua és tu, que anda de rojo
Ne Azul, de estrellas borbofbante.

Entórna o orvalho lucilante,
— O' taça argentea,—de teu boje,
Na guela herrifca de fojo,
— Que é como a guela de um gigante! —

Que e abysmo, então, gruta odorata
Ha de tornar-se, ó Luz da esphera:
— Com stalactites de oiro e prata,

Tapiz de musgo e laços de hera;
Coas aves todas que ha na matta,
E toda flór da Primavera!

HENRIQUE DE MAGALHÃES.

FESTAS, BAILES E CONCERTOS

14 JUILLET

A colonia franceza realisou a 14 de Julho do corrente no Cassino Fluminense, com todo o esmero e brilho costumado, o grande festival de anniversario da tomada da Bastilha.

A frente do edificio e os vastos salões do Cassino, achavam-se com muitissimo

gosto e elegancia ornamentados e profusamente illuminados, apresentando um aspecto grandioso e deelumbante.

A's 9 horas começou o concerto, pela *Marselheza* seguindo-se o hymno nacional, executadas ambas essas peças, por cinco bandae de musica, produzindo um effeito magestoso e sendo freneticamente applaudidas e repetidas. Seguiram-se mais seis numeros do esplendido programma constando de varios trechos, sendo correctamente interpretados, acompanhados de imensos applausos.

A concorrência foi extraordinaria. Viam-se distinctas familias e respeitaveis cavalheiros, altamente qualificados, da colonia franceza nesta Corte: ministro francez no Brazil, autoridades consulares, membros da legação franceza, officiaes da corveta *Lancaster* e multos distinctos officiaes d. marinha brasileira.

A's 11 horas foram os convidados conduzidos ao 2º pavimento do edificio, onde estava servida uma lauta e delicada ceia, trocando-se nessa occasião varios brindes, entre quaes á Imprensa brasileira, á Imprensa franceza etc., eendo o brindo final levantado pelo Sr. ministro francez a Sua Magestade o Imperador, á princeza regente e á familia imperial.

O baile principiou á meia noite, e correu animadamente até á madrugada. A festa franceza esteve imponente e alegre como são todas as que fazem os cidadãos da grande republica.

A sociedade de Concertos Populares deu-nos no domingo atrazado (*atraxado* como esta noticia) a sua 4ª *matinée* musical.

Das peças que pela primeira vez eram oexecutadas, sobresahiu a *Sevilhana*, de Massenet, composição graciosa e correctamente interpretada.

A symphonia do *Guarany* foi, d'esta vez primorosamente tocada.

Das peças em 2ª audição destacaram-se as *Scenas alpicianas*, que hão de ser sempre bem recebidas pelo publico; a *Gaitota*, de Resch e a *Serenata*, de Moszkowski, sendo todas executadas com o brio a que já nos tem habituado a bella corporação executante dos «Concertos Populares».

Depois d'amanhã a 5ª *matinée*, com soberbo programma em que se repetirá a *Sevilhana*. Nascimento tocará um solp ao violoncello.

LORGNON.

FACTOS E NOTICIAS

Acha-se exposto na *Glace Elegante* um retrato da falléida D. Luiza Regadas, desenhado a *crayon* pelo Sr. J. B. de Vasconcellos. E' semelhante e muito bem feito.

FALLECIMENTO

O popular e estimado empregario Jacintho Heller passou pelo dolorosissimo transe de perder a sua veueranda mãe. Sincéros pezames.

O illustrado advogado Dr. Antonio Tiburcio Figueira foi fundamente golpeado em seu coração de pae. Falleceu, quasi repentinamente, um de seus fillos mais novos. As nossas condoleucias.

CORREIO

— Sr. Fabio Luz. O seu soneto é bonito. Será publicado.

— Sr. F. G. de B. (Jacutinga) Sentimos não poder inserir o artigo do seu amigo (*tiens! ça rime!*) que modestamente se assigna, com sensibillizadora simplicidade — um dos seus *conterraneos*; e sen-

timol-o principalmente por encerrar elle o *elogio* de V. S. Mas, quando não houvesse outras razões para não publical-o ha estas duas, que são importantissimas, sobretudo a ultima: 1º o artigo já foi publicado em outra folha: 2º V. S. não é assignante d' *A Semana*. Creia V. S. que é, em todo o Brazil, o unico homem que tem o meu gosto de não assignar á *Semana*. V. S. é um monstro!

— Sr. Flavio Elysio. V. S. moço, surripioi o pseudonymo musical do Sr. senador Lounay. Isso é feio. Vae obrigar o Sr. senador a trocar as bolas do seu pseudonymo, assignando-se: *Elysio Flavio*, para que se não pen-e que são de V. S. as *chopinianas* de S. E. O seu conto... começa d'esta maneira:

«Luciola tinha apenas dezoito annos; estava emfim na fler da edude, n'essa edade em que tudo nes sorri, em que não se sabe o que é a vida.

Como invejo os dezoito annos!

Era por uma d'estas tardes de verão. Luciola... etc.»

E termina assim:

«A febre nunca mais que a deixou e segunda-feira de manhã já Luciola não pertencia ao numero dos vivos.»

Não lhe digo mais nada.

ENRICO.

RECEBEMOS

— De edictor David Corazzi: — *Invisíveis de Lisboa*, fascs. ns. 31, 32 e 33; *Historia de Gil Braz de Santilhana*, fascs. ns. 77, 88, e 79; *Fabulas de Lafontaine*, fascs. ns. 88 e 89.

— Da casa *Au Petit Journal*: *Le Salon de la Mode* ns. de 18 e 25 de junho e *Le Printemps* n. de 1º de julho. Variados e bellos figurines.

— *Relatorio da Estrada de F. de D. Pedre II* (parte em trafego) de 1886, apresentado pelo director da estrada Dr. Embank.

Ribalta n. 4. Injustissima com o distincto paizagista Parreiras.

— *Fleção dos versos francezes* por Amare Sauer. De muita utilidade para o estudo des verbos francezes.

— *Pontos de Historia do Brazil* coordenados e redigidos pelo professor Villa-Lebes.

— *Revista do Observatorio* n. 6.

— *Tentativas Poeticas*. Versos de Jesé Nunes Ribeiro Berfard. São verdadeiras tentativas.

— *Grammatica Portugueza* por Olympio da Costa. Fei-nos efferecida pelo seu edictor B. L. Garnier.

— *Vinte de Junho*. Edição unica. Jornal publicado em hemmenagem a S. Magestade a Rainha Victoria I.

— *Relatorio da Companhia Petropolitana*.

— *Discursô* proferido perante o Tribunal da Relação sobre o *habeas-corpus* de A. J. Coulon pelo Dr. A. Coelho Rodrigues.

— *A Fraude de Umburuna* e o Tribunal da Relação.

— *Revista de Engenharia* anne. IX n. 164.

— *Mapa* estatistic de Gabinete Dentario do hospital da Santa Casa de Misericordia.

— *Arithmetica* — apontameotos por Marcondes Pereira; professor do Curso Auxillar Academic.

— *Relatorio da Direcçoria da Companhia Estrada de Ferre Rio das Flores* apresentada em 2 de Maio á assemblea de accionistas.

— *Relatorio da Associação Protectora da Infancia Desamparada*.

— *Il Brasil* n. 6 anno 1º: Revista mensál agricola, commercial, industrial e financeira.

— *Razões* per parte do orpbã de Lages na liquidação Lino & Lages.

— *Questão de limites* entre o Paraná e Santa Catharina, por Alfredo Ernesto Jacques Ourique.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—Rua dos Ourives, 51.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Bocca das Cancellas n. 2.

Hotel das Familias dirigido por A. M. de Miranda Leone Mogy-Mirim. Provincia de S. Paulo.

Pharmacia Americana de Vicente Severino de Vasconcellos. Estação do Patrocínio. E. de F. Leopoldina. Miuas.

Augusto Luzo.—incumbe-se gra tuitamente de causas de liberdade na Cidade do Muzambinho—Miuas.

Relojoeiro—Alfredo Cesar da Silveira—Rua de S. José n. 51—Em frente á rua da Quitanda.

Julio Cesar Tavares Paes encarrega-se de liquidações amigaveis ou judicias na cidade de Muzambinho e seu termo.

O Hotel Dorby, na rua Sete de Setembro, n. 5, serve com acoio e optima cosinba. Esplendido terraço com caramchoées.

F. Navarro de M. Salles — encarrega-se de defezas perante o jury. Muzambinho—Miuas.

Dr. Araujo Filho — Medico parteiro; Residencia, rua Visconde do Rio Branco, n. 36

Dr. Netto Machado (medico e operador.) Esp. Molestias da pelle e syphiliticas. Cons. rua do Visconde de Inhaúma, 31, do meio-dia ás 2 horas.

LYRICA

DE

FILINTO D'ALMEIDA

Primoroso volume de poesias, elegantemente impresso a duas cores. 300 paginas.

Preço..... 3\$000

A' venda nas livrarias Garnier e Laemmert, e no escriptorio d'esta folha.

VERSOS E VERSÕES

DE

RAYMUNDO CORRÊA

Magnifico volume ds poesias, nitidamente impresso.

Preço..... 2\$000

A' venda no escriptorio d'esta folha e nas livrarias Garnier e Laemmert.

O GAIATO DE SALÃO

O *Gaiato de Salão*, collecção de disparates amatorios engraçadiseimos em perguntas e respostas para passa tempo das noites de fogueiras. Vende-se na rua de Gonçalves Dias 33 e Ouvidor 66.

PREÇO 500!

DERBY-CLUB

PROGRAMMA DA 7ª CORRIDA

A REALIZAR-SE

DOMINGO 24 DE JULHO DE 1887 DOMINGO

AO MEIO DIA EM PONTO

1º pareo—**Excelsior**—1609 metros—Animaes nacionaes de 3 annos—Premios: 600\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro

Ns.	Nomes	Fellos	Idades	Naturalidades	Pesos	Cores das vestimentas	Proprietarios
1	Corcovado.....	Castanho..	3 ans	R. de Jane..	49 kil.	Grénat e ouro.....	Mario de Souza.
2	Juanita.....	Baio.....	3 »	Idem.....	47 »	Grénat e lyrio.....	D. A.
3	Absyntho.....	Castanho..	3 »	S. Paulo..	49 »	Azul e ouro.....	Coud. Santa Cruz.
4	Esmeralda.....	Idem.....	3 »	Idem.....	47 »	Ouro e bonet azul.....	Coud. Alliança.

2º pareo—**Extra**—1200 metros—Animaes estrangeiros de 2 annos—Premios: 600\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro

1	Indio.....	Castanho..	2 ans	R. da Prata	47 kil.	Azul e grénat.....	J. L. C.
2	Ormonde.....	Zaino.....	2 »	França....	47 »	Ouro e verde.....	A. Vianna.
3	Prevenche.....	Alazão....	2 »	Belgica... 46 »		Ouro e preto.....	F. Schmidt.
4	Phenix.....	Idem.....	2 »	Inglatera.. 46 »		Encarnado e azul.....	Coud. Brasileira.
5	Rapid.....	Idem.....	2 »	Idem.....	47 »	Encarnado, preto e branco.....	Vianna Junior.
6	Landy.....	Castanho..	2 »	Idem.....	48 »	Azul.....	C. O.

3º pareo—**Cosmos**—1609 metros—Animaes de todos os paizes até 4 annos que não tenham ganho este anno o paroo—**Rio de Janeiro**—Premios: 1:000\$ ao primeiro 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro

1	Dr. Cacete ex Dr. J.	Zaino.....	4 ans	R. da Prata	52 kil.	Grénat e ouro.....	J. S.
2	Mirzador.....	Idem.....	4 »	França....	52 »	Ouro e preto.....	F. Schmidt.
3	All-Right.....	Castanho..	3 »	Idem.....	49 »	Encarnado, preto e branco.....	C. P.
4	Catita.....	Idem.....	4 »	50 »	Azul e bonet amarello.....	F. Guimarães.
5	Victorious.....	Zaino.....	4 »	França....	52 »	Vermelho.....	Luiz A. P. Barbosa.
6	Mastin.....	Castanho..	4 »	Idem.....	54 »	Grénat e violeta.....	A. M. P.
7	Coupon.....	Alazão....	4 »	Idem.....	54 »	Azul, branco e amarello.....	Coud. Cruzeiro.
8	Perle.....	Zaino.....	4 »	Idem.....	50 »	Branco e encarnado.....	Oliveira J. & Lopes.

4º pareo—**Derby-Club**—1609 metros—Handicap—Animaes nacionaes de puro sangue—Premios: 1:000\$ ao primeiro 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro

1	Boreas.....	Castanho..	5 ans	S. Paulo..	61 kil.	Grénat e violeta.....	Coud. Rio de Janeiro.
2	Vidoc, ex-Mac.....	Alazão....	5 »	Idem.....	61 »	Geranium e ouro.....	A. S. S.
3	Talisman.....	Idem.....	6 »	Idem.....	61 »	Azul branco e encarnado.....	Coud. Cruzeiro.
4	Dandy.....	Vermelho..	4 »	Idem.....	56 »	Branco e encarnado.....	F. Vianna.

5º pareo—**Progresso**—1750 metros—Animaes nacionaes até meio sangue—Premios: 800\$ ao primeiro 160\$ ao segundo e 80\$ ao terceiro

1	Rondello.....	Douradilh	4 ans	S. Paulo..	52 kil.	Grénat e azul.....	Lazaro & Lima.
2	Odalisca.....	Pampa...	4 »	Idem.....	50 »	Verde, branco e encarnado.....	Coud. Excelsior.
3	Tenor.....	Zaino.....	4 »	Idem.....	54 »	Vermelho.....	Tattersall Campineiro
4	Violão.....	Alazão....	5 »	Idem.....	52 »	Vermelho e faixa.....	Idem, idem.
5	Druid.....	Tordilho..	5 »	Idem.....	56 »	Branco e encarnado.....	Oliveira J. & Lopes.

6º pareo—**Rio de Janeiro**—2000 metros—Handicap—Animaes de todos os paizes—2:000\$ ao primeiro, 50% das entradas ao segundo e 25% ao terceiro—Pesos: 3 annos, 47 kilos; 4 annos, 56 kilos; 5 annos e mais 61 kilos
O animal que tiver levantado um premio de 1:000\$ a 1:500\$ carregará mais 2 kilos; de 2:000\$ a 5:000\$ 4 kilos; de mais de 5:000\$ 5 kilos
Os animaes nacionaes serão favorecidos com 3 kilos de pezo e receberão mais 50% do valor do premio se chegarem em primeiro ou segundo logar

1	Satan.....	Castanho..	4 ans	França....	58 kil.	Grénat e ouro.....	Mario de Sousa.
2	New-York.....	Alazão....	4 »	Idem.....	56 »	Ouro preto.....	F. Schmidt.
3	Remise.....	Preto.....	3 »	Idem.....	47 »	Ouro preto e faixa.....	F. Schmidt.
4	Musico.....	Idem.....	5 »	Idem.....	56 »	Vermelho.....	Tattersall Campineiro.
5	Charyhides.....	Castanho..	4 »	Inglatera.. 58 »		Grénat e violeta.....	Coud. Rio de Janeiro.
6	Salvatus.....	Alazão....	4 »	França....	60 »	Azul branco e encarnado.....	Coud. Cruzeiro.
7	Daybreack.....	Zaino.....	3 »	Inglatera.. 47 »		Azul e ouro.....	D. Julia Vieira

7º pareo—**Lemgruber**—1609 metros—Animaes nacionaes até meio sangue que não tenham ganho este anno—Premios: 600\$ ao primeiro 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro

1	Ondina.....	Tordilho..	3 ans	S. Paulo..	47 kil.	Azul e amarello.....	J. M. R.
2	Vampa.....	Zaino.....	5 »	Rio Grande	56 »	Azul e grénat.....	Coud. Paraíso.
3	Boyardo.....	Alazão....	5 »	S. Paulo..	56 »	Branco e estrellas azues.....	Coud. Guanabara.
4	Fagote.....	Vermelho..	6 »	Idem.....	54 »	Vermelho e preto.....	Tattersall Campineiro.
5	Regente.....	Castanho..	4 »	Idem.....	52 »	Vermelho.....	Tattersall Campineiro.
6	Monitor.....	Idem.....	4 »	Idem.....	60 »	Azul branco e encarnado.....	Coud. Cruzeiro.
7	Saltarelle.....	Preto.....	5 »	Paraná... 54 »		Geranium e ouro.....	J. W.
8	Catana.....	Douradilh	5 »	S. Paulo..	52 »	Geranium e ouro.....	J. W.
9	Baieco.....	Castanho..	5 »	Idem.....	58 »	Branco e encarnado.....	Oliveira J. & Lopes.

MARCOS DE MELLO 2º secretario interino

EMULSÃO DE SCOTT

DE OLEO PURO DE FIGADO DE BACALHÃO
Hypophosphitos de cal e soda

Approvada pela junta de hygiene e autorizada pelo governo

O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE DESCOBERTO PARA

Tísica, bronchites, escrophulas, rachitís, anemia, debilidade em geral, defluxos, tosse chronica e afecções do peito e da garganta

E' muito superior ao oleo simples de figado de bacalhão, porque, além de ter cheiro e sabor agradaveis, possui todas as virtudes medicinaes e nutritivas do oleo, além das propriedades tonicis e reconstituintes dos hydrophosphitos. A' venda nas drogarias e boticas.

COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIRIGIDO POR

E. GAMBARO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Póde ser visitado a qualquer hora. Estatutos nas principaes livrarias.

AS ULTIMAS NOVIDADES

em legitimos e superiores chapéos inglezes e francezes encontram-se na

CHAPELARIA INGLEZA

especial só em chapéos finos

120 Rua do Ouvidor 120

GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSINHO, 38

RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

Typ. d'A Semana, r. de Ouvidor, 45, sobrado